

“dd tc” – Alteração à estrutura da sílaba nos *chats*

Cláudia Alexandra Moreira da Silva(*)

claudiaamsilva@live.com.pt

*Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Centro de Linguística da Universidade do Porto
(Portugal)*

RESUMO. A escrita dos chats apresenta mecanismos de abreviação que possibilitam o aumento da velocidade da troca conversacional requerido pelas interações em tempo real. A supressão de grafemas é um destes mecanismos. Realizou-se um estudo de corpus para verificar se a supressão de grafemas atinge algum constituinte silábico em particular. Chegou-se à conclusão de que é a rima o constituinte silábico mais passível de elisão devido à sua previsibilidade contextual. A manutenção do ataque pode sugerir a sua preponderância em termos de valor informacional e do processamento de palavras. A preservação do núcleo e da coda em certas circunstâncias pode estar relacionada com o seu contributo na clarificação de casos de ambiguidade.

PALAVRAS-CHAVE. chats / escrita telemática síncrona; estrutura silábica; abreviaturas; ortografia

ABSTRACT. Chat discourse presents shortening devices that allow writing to accompany the speed required in real time interactions. The suppression of graphemes is one of these mechanisms. A corpus study was conducted to find out if this suppression targets any syllabic constituent in particular. The conclusions reveal that the rime is prone to elision due to its contextual predictability. Keeping the onset may suggest its preponderance in terms of informational value and word processing. The preservation of the nucleus and the coda in certain circumstances may be related to their contribution to clarification in cases of ambiguity.

KEY-WORDS. chats; syllable structure; abbreviations; spelling

1 – Introdução

Este artigo visa estudar as supressões de grafemas que ocorrem na escrita dos programas de *chat* da Internet ou escrita telemática síncrona, com o intuito de verificar as alterações à estrutura silábica que essas elisões provocam.

A escrita nos programas de *chat* caracteriza-se pela presença de constantes desvios à norma, causados pela necessidade de rapidez na escrita, uma vez que se trata de uma forma de comunicação que se processa em tempo real. Com efeito, devido à necessidade de economia, os

* Estudante do Curso de Doutoramento em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade do Porto; bolsista de doutoramento da FCT.

utilizadores dos *chats* suprimem certos elementos, como acentos, sinais de pontuação e até grafemas, recorrendo, assim, ao uso de palavras abreviadas.

Mas será que estas elisões de grafemas ocorrem aleatoriamente ou obedecerão a algum padrão?

Com o intuito de verificar possíveis regularidades na forma como são efectuadas as elisões de grafemas nos *chats*, vai ser descrito um estudo de *corpus* realizado, com os seguintes objectivos:

- 1 – verificar se as supressões se realizam a nível das palavras ou das sílabas;
- 2 – averiguar se há algum constituinte silábico sobre o qual as elisões recaem com maior frequência;
- 3- reflectir sobre a importância da preservação de determinados constituintes silábicos em detrimento de outros.

2 – A escrita dos programas de chat (escrita telemática síncrona)

A escrita dos programas de *chat* é também denominada por escrita telemática síncrona por se realizar por intermédio do computador (Anis 1998: 7, 91) e em tempo real (Reid 1991; Mann & Stewart 2000: 2).

O facto de ser uma forma de comunicação que se realiza em tempo real configura o modo como se escreve: é dada pouca atenção às formalidades de pontuação bem como de ortografia (Mann & Stewart 2000: 187; Crystal 2004: 64), devido à urgência do directo.

No que se refere à ortografia, para além da supressão de acentos, também se verifica o recurso a supressões de grafemas, surgindo palavras abreviadas (Mondada 1999: 6; Costa 2000;

Pedras 2001: 485; Benedito 2002: 10; Franzoia & Gonçalves Filho 2002; Sá & Melo 2004: 64; Pucciariello 2004).

Contudo, como o processo de interação se desenrola possivelmente entre vários participantes, a economia não é o único factor a desempenhar um papel importante; também é necessário recorrer à expressividade para prender a atenção do outro, para o cativar (Mann & Stewart, 2000: 183-184; Benedito, 2002). Assim, os utilizadores dos programas de *chat*, visando captar a atenção dos outros para darem início a um processo de interação, recorrem a repetições, a *emoticons* e ao uso excessivo de sinais de pontuação, entre outros processos.

Este desvio em relação à norma é realizado, com frequência, de modo intencional, funcionando como forma de integração numa nova comunidade – a comunidade virtual (Pons 2002; Palmiere 2006; Sáez 2007: 65). Na verdade, esta forma de escrita funciona como um reforço dos laços entre os membros da geração mais nova (adolescentes e jovens). Aqueles que não possuem prática de escrita no computador, demorando demasiado tempo a responder, e aqueles que desconhecem a nova escrita (inclusivamente por não possuírem acesso a um computador), são vítimas de uma nova forma de exclusão – a infoexclusão (Nogueira 2003; Araújo 2007).

Os referidos fenómenos de supressão de grafemas ou abreviação de palavras que surgem nestas novas formas de escrita não são uma novidade. Na verdade, as abreviaturas remontam à antiguidade; os romanos recorriam à primeira ou primeiras letras das palavras como forma de as abreviar. Na Idade Média, os copistas usavam abreviaturas nos manuscritos como forma de economizar o material de escrita (cf. Veronis & Neef (2006) para uma revisão sobre o assunto).

Além disso, estes fenómenos não são únicos do português; por conseguinte, considera-se relevante fazer um sumário de alguns estudos que têm sido realizados nessa área.

2.1 – O uso de abreviaturas na escrita transmitida pelo ecrã em diversas línguas

A linguista espanhola Rúa (2005) estudou os mecanismos de abreviação presentes nas mensagens de texto de telemóvel no espanhol, inglês e francês. Refere mecanismos como *clipping* (corte da parte final da palavra, deixando apenas a inicial – ‘add’ para “address” e ‘uni’ para “université”), *letter/ number homophones* (uso de letras ou de números pelo som que veiculam – ‘2’ para “too, to” e ‘C’ para “C’est”) e formação de siglas com a letra inicial de duas ou mais palavras (‘LOL’ para “Laughing Out Loud” e ‘NV’ para “Nos Vemos”). Conclui que o seu uso depende das características de cada língua, nomeadamente das suas propriedades flexionais e do grau de transparência da sua ortografia. Enquanto no inglês se opta pela formação de siglas/acrónimos (*initialisation*), no espanhol e no francês predomina a supressão de grafemas e o uso de letras e números para representar o som, respectivamente. Com efeito, no espanhol, recorre-se à supressão de alguns grafemas pelo facto de esta língua possuir palavras longas, devido às suas propriedades flexionais. A manutenção de certos grafemas parece justificar-se pelas *nuances* de sentido que acarretam. Assim, o verbo “trabajar” pode ser escrito como “trbjo”, “trbjs”, “trbjn”, “trbjm(o)s”, indicando diferenças de flexão. Já as línguas germânicas possuem monossílabos e dissílabos que se tendem a “fundir” na linguagem coloquial, a qual é trazida para o contexto dos *chats*, caracterizado pela informalidade. Além disso, as características fonotácticas das diferentes línguas podem fornecer explicações para a preferência do uso de determinados mecanismos de redução: como a estrutura silábica do inglês é mais complexa, admitindo a existência de grupos consonânticos com três consoantes em ataque e mais do que uma consoante em coda, a supressão de um grafema não se torna tão vantajosa como no espanhol, em que facilmente se recupera um grafema que tenha sido apagado.

Para além desta descrição realizada por Rúa (2005), estes fenómenos de supressão foram descritos por linguistas franceses e ingleses relativamente à sua própria língua. Assim, a nível do francês, Anis (1999) menciona o surgimento de neografias no âmbito da comunicação

electrónica. Estas neografias – criações deliberadas de novas palavras – incluem estratégias de abreviação, nomeadamente esqueletos consonânticos (como ‘bcp’ para “beaucoup” e ‘slt’ para “salut”), trunicações (quedas em final de palavras, como ‘esp’ para “espérer” e ‘p tu’ para “peux-tu”) e siglas/ acrónimos (como ‘tvb’ para “tout va bien” e ‘atd’ para “à ta disposition”), bem como *rébus* ou enigmas figurados (‘7’ para “cette” e ‘G’ para “J’ai”), comparável aos homófonos de letras e números.

Na língua inglesa, Crystal (2006) também refere a existência de casos de enigmas figurados (‘2day’ para “today”) e de logogramas (‘&’ para “and”). Expressões constituídas por várias palavras são reduzidas a sequências de letras iniciais, nomeadamente ‘SWDYT’ para “So what do you think?”. Surgem, também, palavras somente compostas por consoantes, devido à superioridade informacional destas em relação às vogais, como por exemplo, ‘XLNT’ para “excellent”. Contudo, a abreviação de palavras cria ambiguidades, uma vez que não grafar certas letras faz aumentar o número de lexemas que podem estar a ser representados. Assim, ‘BN’ pode simbolizar “been” ou “being”. Este risco de ambiguidade aumenta se se tentar criar mais do que um pequeno conjunto de expressões. Por conseguinte, apenas algumas são usadas frequentemente, como ‘C’ para “see”, ‘B’ para “be”, ‘2’ para “two, too, to”, ‘U’ para “you” e ‘4’ para “for, four, -fore”.

No que se refere ao português do Brasil, Hilgert (2001) menciona que a abreviação é um recurso usado na comunicação na Internet (expressão que o autor opta por usar e que abrange os *chats*). Conclui que, no geral, as abreviaturas são formadas pelas consoantes iniciais das sílabas da palavra que representam. O autor faz notar, ainda, que há apenas um conjunto muito reduzido de palavras que surgem abreviadas, as quais são de uso extremamente corrente, nomeadamente ‘vc’ para “você”, ‘kd’ para “cadê”, ‘blz’ para “beleza” e ‘q’ para “que”. Ainda para o português do Brasil, Fusca (2008) realiza uma classificação das abreviaturas, admitindo quatro categorias: as de tipo 1 referem-se à preservação do primeiro grafema de cada sílaba; as de tipo 2 prendem-se com

a modalidade oral; relativamente às de tipo 3, estas pressupõem a simplificação da grafia e as de tipo 4 relacionam-se com empréstimos. As abreviaturas do tipo 1 são formadas, essencialmente, pelo primeiro grafema de cada sílaba do vocábulo, nomeadamente ‘td’ para “tudo”, ‘tc’ para “teclar”, ‘pq’ para “porque” e ‘vc’ para “vocês”. No que se refere à segunda categoria, nesta se enquadram as abreviaturas formadas, basicamente, pela tentativa de transcrição da fala. Exemplos de palavras desta categoria incluem ‘taum’ para “estão”, ‘long’ para “longe” e ‘pera’ para “espera”. De maneira geral, nas abreviaturas do tipo 3, notam-se simplificações ortográficas, principalmente de dígrafos. É o caso da abreviatura ‘aki’ (“aqui”), na qual o dígrafo “qu” é substituído por um único grafema. A última categoria baseia-se em empréstimos. O verbo “add”, que significa “adicionar”, não implica uma supressão de grafemas no vocábulo original. Contudo, “add” funciona como abreviatura do verbo “adicionar”, visto que, no processo de leitura, os utilizadores das salas de *chat* ou bate-papo substituem esta palavra pela correspondente em português.

2.2 – *A supressão de grafemas no português europeu*

Para o português europeu, vários estudos atestam o emprego de abreviaturas (Pedras 2001: 485; Benedito 2002: 10; Sá & Melo 2004: 64) ou a existência de frequentes fenómenos de supressão (Benedito 2002: 11). Seara (2007) refere a queda das vogais e a preservação das consoantes em “esqueletos consonânticos” (como no francês, no português do Brasil ou ainda, menos frequentemente, no inglês), nomeadamente ‘mt’ para “muito” e ‘dd’ para “donde”.

Considerou-se relevante efectuar um estudo para averiguar qual o padrão geral existente nos fenómenos de elisão de grafemas: a supressão recai sobre a sílaba em geral ou sobre algum constituinte silábico em particular?

Mas por que motivo se considerou a sílaba como unidade alvo de supressões? Por um lado, o português, como língua românica, poderá ter um comportamento semelhante ao do espanhol (*vd.* ponto 2.1), em que se privilegiam as supressões de grafemas dentro da palavra – nas sílabas –, contrariamente ao inglês, em que a estratégia mais usada inclui a preservação do primeiro grafema e a elisão da restante palavra. Por outro lado, incidiu-se sobre a sílaba na medida em que os falantes possuem fortes intuições sobre esta unidade desde cedo (Delgado-Martins 1996: 321; Blevins 1995: 209; Mateus & D’Andrade 2000: 38; Mateus, Frota & Vigário 2003: 1038), o que se poderia reflectir nas supressões de grafemas. Na verdade, todos os falantes se mostram intuitivamente capazes de identificar as sílabas da sua língua, através de manipulações destas unidades, nomeadamente segmentações e apagamento. Contrariamente, a consciência a nível de fonemas, necessária na aprendizagem da escrita alfabética, requer prática e ensino explícito (Mattingly 1972; Morais *et al.* 1979).

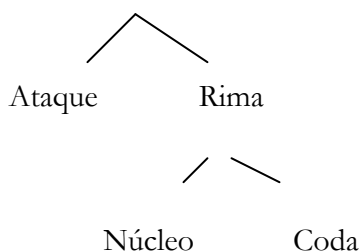
3 – A sílaba

3.1– Estrutura da sílaba

Adoptámos a concepção de sílaba de acordo com a fonologia autosegmental (Blevins 1995: 213 e ss.), de acordo com a qual esta se encontra organizada em constituintes maximamente binários: a sílaba divide-se em ataque e rima, e a última em núcleo e coda.

Eis a estrutura da sílaba representada em esquema (*ap.* Blevins, 1995: 213).

FIGURA I. A estrutura da sílaba, de acordo com Blevins (1995: 213)



Os constituintes silábicos podem ser preenchidos ou vazios, conforme estejam ou não associados a segmentos no nível terminal da representação, respectivamente. Podem ser não ramificados ou ramificados, conforme dominem um ou mais segmentos. A rima é o único constituinte obrigatoriamente preenchido (a não ser em casos excepcionais de existência de núcleos vazios) (Mateus & D’Andrade 2000: 39 e ss.; Mateus, Frota & Vigário 2003: 1038 e ss.).

3.2 – *Tipos silábicos*

Cada tipo silábico corresponde a um modelo de combinação de consoantes (C) e vogais (V). Em português, excluindo as sílabas com vogal nasal ou ditongo em núcleo, encontramos os seguintes tipos silábicos: V, CV, CCV, VC, CVC e CCVC (respectivamente “é”, “pé”, “cru”, “ar”, “mal” e “três”, por exemplo) (Veloso 2003: 94).

O formato silábico mais atestado em todas as línguas do mundo é o formato CV, também denominado por “sílabas básicas” ou “formato não marcado” (Blevins 1995: 220). Este formato é também o mais representativo dos tipos silábicos do português, sendo o que surge mais frequentemente nas palavras usadas pelos falantes desta língua (conforme foi concluído por um levantamento estatístico a nível da ocorrência de sílabas com o formato CV em português, realizado por Vigário e Falé 1994: 468 ss.).

Ocorrendo as elisões de grafemas no âmbito da sílaba e dos seus constituintes, surgiu o interesse, neste estudo, de verificar se haveria a tendência para formar um tipo silábico não marcado (CV).

4 – *Estudo de corpus*

4.1 – *Metodologia*

Com o intuito de verificar qual o constituinte silábico mais passível de supressão, foi realizado um estudo de *corpus* que teve por base a gravação de noventa minutos de conversações no programa “bláblá” do “aeiou”. Foram gravadas diferentes sessões, visando encontrar utilizadores com idades, sexos, habilitações literárias e interesses diversificados.

Embora as sessões gravadas incluam a informação respeitante aos participantes da interacção, apenas foram alvo de estudo as palavras que respeitam à própria interacção.

De facto, o programa de *chat* é apresentado da seguinte forma:

FIGURA II. Excerto de uma conversa num programa de *chat* – *aeiou*

Sala: Escola

```
entra visitante_6
entra nina_3
nina_3: oix
andre15anox_lx__5: oix
nina_3: oi
nina_3: alguem da madeira?
entra Gatinho_2
nina_3: oi
nina_3 para Gatinho_2 : olá
andre15anox_lx__5: isto ta seco aki
nina_3 para Gatinho_2 : td bem ctg?
Gatinho_2 para nina_3 : oi
nina_3 para Gatinho_2 : ddtc?
```

Contudo, apenas se analisaram os seguintes conteúdos:

FIGURA III. Excerto de um programa de *chat* sem informação dos intervenientes

```
oix
oix
oi
alguem da madeira?
oi
olá
isto ta seco aki
td bem ctg?
oi
ddtc?
```

No que respeita à informação analisada, foi registado um total de 10685 palavras. Consideraram-se “palavras” todos os caracteres ou sequências de caracteres entre espaços em branco. Símbolos como *emoticons* foram vistos como “palavras”, a par de lexemas com ou sem modificações.

As palavras foram divididas de acordo com o desvio à norma que apresentavam. No caso de não possuírem nenhum desvio, foram contabilizadas na categoria “palavras com ortografia correcta”.

Para as trinta e quatro categorias de desvios formuladas, foram calculadas as ocorrências totais e as respectivas percentagens de ocorrências. Uma mesma palavra poderia fazer parte de mais do que uma categoria, de acordo com os desvios à norma que possuísse. Se, numa mesma

palavra, se observasse a ocorrência do mesmo erro em duas ou mais sílabas, essas ocorrências só eram contabilizadas uma vez.

No que respeita às categorias pertinentes para a alteração da estrutura da sílaba por supressão de grafema¹, dividiram-se as palavras em:

. Queda de ataque – considera-se queda de ataque a ausência total de ataque em qualquer sílaba. Foram incluídos ataques simples (constituídos por uma só consoante) e ramificados (constituídos por duas consoantes). O ataque vazio não foi alvo de análise. Casos de elisão de uma semivogal pertencente ao ataque, segundo D’Andrade e Viana (1994), não surgiram neste estudo.

Ex.: “kes” (queres); “kidu” (querido); “kida” (querida).

. Queda de parte de ataque ramificado – consideraram-se, nesta categoria, os ataques constituídos por duas consoantes. Estão incluídas aqui todas as palavras que apresentam uma queda da primeira ou da segunda consoante², mas não das duas simultaneamente.

Ex.: “tc” (teclas); “ddtc” (donde teclas); “dxtit” (distrito); “bgd” (obrigado).

. Queda de rima completa – incluem-se nesta categoria as palavras em que há uma queda completa da rima (ramificada ou não ramificada) de uma ou mais sílabas.

Ex.: “n” (não); “td” (tudo); “ctg” (contigo); “idd” (idade); “dd” (donde); “td” (tudo); “d” (de); “k” (que).

¹ Houve uma categoria em que se observou, também, uma alteração à estrutura da sílaba mas por acrescento de grafema. Os acrescentos envolviam especialmente vogais, mas também consoantes. Considerou-se que eram efectuados por motivos de expressividade. Não vamos reflectir sobre o seu uso com mais pormenor na medida em que não se inscreve directamente no âmbito deste estudo, o qual está mais orientado para a abreviação. Outras categorias em que se verificava a queda de “h/u” meramente ortográficos também não serão alvo de análise, na medida em que foram consideradas as alterações à sílaba a nível fonológico, não tendo sido relevantes os grafemas que não representam fonemas, possuindo apenas uma existência gráfica.

² Não se registaram casos em que se elidia a segunda consoante de um ataque ramificado em detrimento da primeira.

. Queda de núcleo apenas – nesta categoria, estão inseridas as palavras em que há uma queda completa do núcleo de uma sílaba (ramificado ou simples), apesar de se manter a coda da mesma (ainda que seja a propriedade “nasalidade”, que se considerou fazer parte da coda, segundo o que se infere das descrições de autores como D’Andrade 1994: 131 e ss).

Ex.: “tclr” (teclar); “tcls” (teclas); “pds” (podes); “dsclp” (desculpa); “dxtit” (distrito).

. Queda de parte do núcleo – inserem-se aqui as palavras em que, numa dada sílaba, é elidida uma parte de um núcleo ramificado, geralmente a glide.

Ex.: “na” (não).

. Queda de coda apenas – nesta categoria, estão incluídas as palavras que apresentam uma supressão não de toda a rima, mas apenas de um dos seus constituintes – a coda (ainda que esta seja constituída pela propriedade “nasalidade”).

Ex.: “memo” (mesmo); “poke” (porque); “xi” (sim); “goto” (gosto).

. Queda de sílaba – inclui as palavras em que se verifica uma queda total de uma das sílabas.

Ex.: “tá” (está); “nina” (menina); “bgd” (obrigada); “dxc” (desculpa).

. Falta de palavra – inserem-se nesta categoria todas as ocorrências em que há a ausência de uma palavra, geralmente de reduzida dimensão e que contribui para a estruturação da frase (determinantes ou preposições). Casos de elipse verbal ou nominal não foram incluídos neste estudo.

Ex.: “gostei [de] te”; “[o] meu;” “embarcações [de] pesca”

4.2 – Resultados

Vão ser apresentados, na tabela seguinte, os resultados obtidos no que se refere às percentagens calculadas com base no total de desvios à norma.

TABELA 1: Percentagens de ocorrências de desvios com base no seu total

Categorias de desvios	Percentagem
queda de rima completa	10,53%
queda de sílaba	2,59%
queda de parte de ataque ramificado	1,15%
queda de núcleo apenas	1,10%
queda de parte do núcleo	0,26%
queda de coda	0,10%
queda de ataque	0,09%
queda de palavra	0,07%

Das categorias referidas, a que se destaca é a “queda de rima completa”, com 10,53% do total de erros, seguida de “queda de sílaba” (2,59%). A categoria de erros que surge com menor frequência a nível da sílaba é a “queda de ataque”, apresentando um valor residual de 0,09%. Quanto à queda de palavra, esta surge com muito pouca representatividade.

4.3 – *Discussão dos resultados*

Pela análise dos resultados, verifica-se que, apesar de o núcleo ser o constituinte de realização obrigatória, a sua supressão (na categoria “supressão de rima completa”) é representativa no *corpus* analisado. Existem mesmo vários casos em que este fenómeno se verifica

mais do que uma vez numa palavra, embora só se tenham contabilizado como uma ocorrência (‘ctg’ para “contigo”, ‘dd’ para “donde”, ‘td’ para “tudo”).

Assim, preservam-se apenas as consoantes, elidindo-se as vogais que, pelo facto de serem em menor número, são mais facilmente previsíveis, já que possuem menor informatividade. Na verdade, não facultam uma considerável limitação do número de palavras possíveis num determinado contexto, contrariamente às consoantes e aos grupos consonânticos que, pela sua raridade, apresentam um maior grau de distintividade³. Com efeito, o ataque parece favorecer o reconhecimento lexical, especialmente em posição inicial, o que é sugerido pelos seguintes argumentos: i) o início das palavras fornece pistas para a identificação das palavras, nomeadamente pelo facto de fonemas iniciais sofrerem menos fenómenos de assimilação (Gow, Melvold & Manuel 1996); ii) a nível de lapsos de língua, verifica-se que é o ataque (ramificado) em posição inicial que é mais passível da sua ocorrência (Meyer 1992: 186-190); iii) no âmbito do fenómeno da ponta da língua, por vezes só nos recordamos da letra pela qual uma palavra se inicia (Faria 1996); e iv) no que respeita à leitura, é o esqueleto consonântico da palavra que é o primeiro a ser activado durante este processo (Lee, Rayner e Pollatsek 2001). Estes fenómenos poderão sugerir a importância do ataque a nível de processamento de palavras.

Ainda no que se refere à preservação do ataque, registaram-se casos em que um ataque ramificado não era preservado na sua totalidade (na categoria “queda de parte de ataque ramificado”). É relevante verificar a existência de um padrão na forma como é elidida parte do ataque ramificado: a obstruinte é sempre mantida e a líquida sofre elisão (nomeadamente em ‘tc’ para “teclas” e ‘bigada’ para “obrigada”). Assim, tal como acontece em fases iniciais da aquisição da linguagem (*cf.* Fikkert 1994; Freitas 1997; Avila 2000), elide-se a segunda consoante nos grupos consonânticos, criando-se uma estrutura menos marcada.

³ De salientar que, mesmo a nível da história da língua, fonemas raros e difíceis articulatoriamente podem ser mantidos pela sua quantidade informacional e distintividade (*cf.* Martinet 1955).

Relativamente à queda de sílaba, esta ocorre também num número limitado de palavras, as quais são frequentes nos *chats*. Em algumas delas, é clara a intervenção do registo oral, como é o caso de ‘pa’ para “para”, ‘pera’ para “espera” e ‘tar’ para “estar”. Outros casos serão talvez mais específicos (embora podendo existir noutros contextos), nomeadamente ‘nino(a)’ para “menino(a)” (que poderá remeter para as novas formas de tratamento presentes nos *chats*), ‘bigada’ para “obrigada”, ‘dxc’ para “desculpa”, ‘jinhos’ para “beijinhos” e ‘cont’ para “contigo”. Estas supressões de sílaba parecem ocorrer pelo facto de estas palavras serem polissílabos, pelo que requerem algum dispêndio de esforço e tempo. Isto poderá revelar uma tendência intuitiva para a redução de palavras e para a sua simplificação, visível em vários casos na evolução da língua.

São ainda de referir as supressões no que se refere aos constituintes da rima: queda de núcleo apenas, queda de parte do núcleo e queda de coda.

Os casos de queda de núcleo (mas não da coda) referem-se, por um lado, à preservação das marcas de flexão (‘tclr’ para “teclar” e ‘tcls’ para “teclas”; ‘tds’ para “todos”; ‘jnhs’ para “beijinhos”) e, por outro, à preservação de “m” como marca de nasalidade, geralmente em sílaba tónica (‘bm’ para “bem”, ‘tbm’ para “também”). Os falantes apercebem-se da importância das marcas de flexão para evitar ambiguidades e da necessidade de preservação do grafema <m> como marca gráfica da propriedade “nasalidade”, pelo facto de vogais e ditongos nasais serem marcados em português (pouco frequentes), sendo necessário preservar essa informação; além disso, este fenómeno pode evidenciar um conhecimento interiorizado a nível da proeminência da sílaba tónica.

Na supressão de parte do núcleo, poderá haver uma tentativa de regularização para o formato básico CV (sendo esta tendência, contudo, pouco frequente) (Blevins 1995: 217; 228). Esta elisão poderá, ainda, reflectir uma intuição do falante relativamente à proeminência da vogal, uma vez que é a glide o alvo da supressão.

É de salientar que, como acontece na escrita dos *chats* em outras línguas, as supressões de grafemas ocorrem num número limitado de palavras, que são frequentemente utilizadas nestes programas de *chat*. É comum surgirem palavras como ‘idd’ para “idade”, ‘td’ para “tudo”, ‘n’ para “não” e ‘tc’ para “teclar/teclas”. Contudo, se surgirem palavras de uso menos habitual, estas mantêm-se inalteradas (‘contabilidade’, ‘carreguei’, ‘diferentes’) ou a sua alteração é mínima (‘interssante’ para “interessante”), não comprometendo a compreensão. Assim, considera-se que o factor “frequência de palavras” interfere na sua alteração (cf. Bybee 2001: 35).

Pode afirmar-se que, geralmente, o respeito pela unidade dos constituintes da sílaba se sobrepõe ao seu desrespeito, uma vez que a percentagem de supressão de todo o constituinte é mais elevada do que de parte deste. Exceptua-se o caso do ataque, já que a queda de parte deste se sobrepõe à queda do próprio ataque. Esta preservação parece corroborar estudos que defendem que as unidades de ataque e da rima funcionam como unidades de reconhecimento a nível da leitura (cf. Treiman & Zukowski 1996: 210-211; Goswami 2002: 47-48) em detrimento da mera conversão fonema – grafema, bem como outros estudos que sugerem que a preservação da unidade dos constituintes contribui para o reconhecimento das palavras (Treiman 1994: 106; Bowey 1996: 590; Assink, Kattenberg & Wortman 1998: 640).

Na verdade, as supressões de grafemas no contexto dos *chats*, o qual exige economia, provocam o surgimento de grupos de duas ou três consoantes, sem a existência de qualquer vogal, o que parece recriar sistemas de escrita consonânticos. Estes grupos também surgem em outras línguas, como foi referido no ponto 2.1. Considera-se que, a nível de leitura, estes grupos são lidos como unidades visuais e não por meio da decodificação fonológica. É habitual os leitores proficientes usarem o contexto no reconhecimento e identificação das palavras representadas, recorrendo à informação não visual ou aos seus conhecimentos prévios para decodificarem a mensagem (estratégias descendentes ou *top-down* como refere Smith 1988). Estratégias que envolvem o uso do contexto para o reconhecimento da configuração total das

palavras são necessárias para uma leitura proficiente, o que nos parece acontecer na escrita telemática síncrona, na medida em que a comunicação se estabelece com eficácia e rapidez.

5 – *Conclusão*

Os programas de *chat* ou bate-papo criam um contexto de comunicação que faz prevalecer a necessidade de economia, devido ao facto de a interacção se realizar em tempo real, como o discurso falado. A escrita, que requer, tradicionalmente, tempo para se proceder ao planeamento, à redacção e à revisão, tem, então, de recorrer a estratégias para imitar a rapidez do discurso oral.

Assim, os utilizadores destes programas fazem uso da supressão de grafemas, observando-se regularidades na forma como este fenómeno é efectuado.

Com efeito, após a realização de um estudo de *corpus*, chegou-se à conclusão de que o que predomina nos casos de supressão é a preservação de consoantes (sobretudo em ataque, já que a sua queda é a menos representativa) e a eliminação de vogais em rima, como nos sistemas consonânticos, pela sua previsibilidade, pelo conhecimento linguístico dos falantes e pelo contexto, o qual possui grande relevo para a intercompreensão entre os participantes na comunicação.

Estes fenómenos sugerem que as intuições do falante a nível de sílaba influem na nova escrita realizada no contexto dos *chats*: devido à urgência do directo, são elididos determinados grafemas, os quais se encontram, geralmente, no constituinte silábico rima.

Todas as sílabas são, usualmente, representadas por um grafema, mostrando a relevância da sílaba na produção, processamento e compreensão das palavras. Habitualmente, é mantida a consoante em ataque, que é fundamental no reconhecimento da palavra. Outras consoantes são, por vezes, mantidas para preservar marcas de flexão e de nasalidade.

REFERÊNCIAS

- Anis, J. 1998. *Texte et Ordinateur: l'écriture réinventée?* Paris/Bruxelles: De Boeck.
- Anis, J. 1999. Chats et usages graphiques. In: J. Anis (Ed.). *Internet, communication et langue française*. Paris: Hermès, 71-90.
- Araújo, J. 2007. Os géneros digitais e os desafios de alfabetizar letrando. *Trabalhos em Lingüística Aplicada*. Campinas: IEL-Unicamp, 79-92. Disponível na Internet em: http://www.julioaraujo.com/download/generos_digitais.pdf, acessado em Maio de 2008.
- Assink, E.; Kattenberg, G.; Wortman, C. 1998. Exploring the Boundaries of Sublexical Word Identification Units: The Use of Onsets and Rimes and Reading Ability. *Journal of Psycholinguistic Research*. **27(6)**: 639-659.
- Avila, M. 2000. *A aquisição do ataque silábico complexo. Um estudo sobre crianças com idade entre 2.0 e 3.7*. Dissertação de pós-graduação, Universidade Católica de Pelotas. Disponível em http://www.ucpel.tche.br/poslet/dissertacoes/2000/A_aquisicao_do_ataque_silabico-Maria_Avila.pdf, acessado em Julho de 2008.
- Benedito, J. 2002. *Que língua@ Portugues@ no ch@t da Internet?* Lisboa: Colibri.
- Blevins, J. 1995. The Syllable in Phonological Theory. In: J. A. Goldsmith (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Cambridge MA/Oxford: Blackwell, 206-244.
- Bowey, J. 1996. Orthographic Onsets as Functional Units of Adult Word Recognition. *Journal of Psycholinguistic Research*. **25(5)**: 571-595.
- Bybee, J. 2001. *Phonology and Language Use*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Costa, S. 2000. Oralidade e escrita e novos géneros (hiper)textuais na Internet. *III Conferência de Pesquisa Sócio-cultural*. São Paulo. Disponível em <http://www.fae.unicamp.br/br2000/trabs/2100.doc>, acessado em Agosto de 2005.
- Crystal, D. 2004. *The Language Revolution*. Cambridge: Polity Press.
- D'Andrade, E. 1994. *Temas de fonologia*. Lisboa: Colibri.
- D'Andrade, E.; Viana, M. C. 1994. Sinérese, diérese e estrutura silábica. *Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 31-42.
- Delgado-Martins, M. 1996. Relação Fonética/Fonologia: a propósito do sistema vocálico do Português. In: I. Duarte, I. Leiria (Eds.). *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*. Lisboa: Colibri/APL, 311-326.
- Ellsworth, J. 1994. *Education on the Internet*. Indianapolis IN: Sams Publishing.
- Faria, I. 1996. Linguagem verbal: aspectos biológicos e cognitivos. In: I. Faria, A. Pedro, I. Duarte, C. Gouveia (Orgs.). *Introdução à Linguística Geral e Portuguesa*. Lisboa: Caminho, 35-55.
- Fikkert, P. 1994. *On the Acquisition of Prosodic Structure*. Dordrecht: ICC Printing.
- Franzoia, A.; Gonçalves Filho, A. 2002. O Português.com. *Época*, 225. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT384160-1664,00.html> [Acessado em Agosto de 2005].
- Freitas, M. 1997. *Aquisição da estrutura Silábica do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- Fusca, C. 2008. *TC CMGO?: Estudo sobre a abreviação na internet*. Relatório final de estágio de Iniciação científica, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.
- Goswami, U. 2002. In the Beginning Was the Rhyme? A Reflection on Hulme, Hatcher, Nation, Brown, Adams, and Stuart (2002). *Journal of Experimental Child Psychology*. **82**: 47-57.
- Gow, D.; Melvold, J.; Manuel, S. 1996. How Word Onsets Drive Lexical Access and Segmentation: Evidence from Acoustics, Phonology and Processing. In: *Proceedings of the International conference on Spoken Language Processing 1*, 66-69. Disponível em <http://www.asel.udel.edu/icslp/cdrom/vol1/a557.pdf>. [Acessado em Dezembro de 2008]
- Hilgert, J. 2001. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: D. Preti (Org.). *Fala e Escrita em Questão*. São Paulo: Humanitas FFCH/USP, 17-55.
- Lee, H.; Rayner, K.; Pollatsek, A. 2001. The relative contribution of consonants and vowels to word identification during reading. *Journal of Memory and Language*. **44**: 189-205.
- Mann, C.; Stewart, F. 2000. *Internet Communication and Qualitative Research*. London: Sage.

- Martinet, A. 1955. *Économie des changements phonétiques – Traité de Phonologie Diachronique*. Berne: A. Francke [3ª ed. – 1970].
- Mateus, M.; D’Andrade, E. 2000. *The Phonology of Portuguese*. Oxford: Oxford University Press.
- Mateus, M.; Frota, S.; Vigário, M. 2003. Prosódia. In: M. Mateus, A. Brito, I. Duarte, I. Faria *et al.* *Gramática da Língua Portuguesa*. 5ª ed. Lisboa: Caminho, 1035-1076.
- Mattingly, I. 1972. Reading, the linguistic process, and linguistic awareness. In: J. Kavanagh, I. Mattingly (Eds.). *Language by Ear and by Eye. The Relationships between Speech and Reading*. Cambridge MA/London: The MIT Press, 133-147.
- Meyer, A. 1992. Investigation of phonological encoding through speech error analysis: Achievements, limitations, and alternatives. *Cognition*. **42**: 181-211.
- Morais, J.; Cary, L.; Alegria, J.; Bertelson, P. 1979. Does awareness of speech as a sequence of phones arise spontaneously? *Cognition*. **7**: 323-331.
- Neef, É.; Véronis, J. 2006. Le traitement des nouvelles formes de communication écrite. In: G. Sabah (Dir.). *Compréhension des langues et interaction*. Paris: Hermès-Lavoisier, 227-247. Disponível na Internet em: <http://sites.univ-provence.fr/veronis/pdf/2006-livre-sabah.pdf>, acessado em Janeiro de 2009.
- Nogueira, L. 2003. O mundo como base de dados. In: J. Correia, A. Fidalgo, P. Serra (Orgs.). *Mundo Online da Vida e Cidadania*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 207-216.
- Palmiere, D. 2006. A escrita da Internet: da tela do computador para a tela da tevê. *Estudos Linguísticos*. **XXXV**: 572-581. Disponível na Internet em: www.gel.org.br/estudoslinguisticos/edicoesanteriores/4publica-estudos-2006/sistema06/589.pdf. [Acedido em Julho de 2008].
- Pedras, M. 2001. Escrita Electrónica: A Reinvenção da Escrita? In: B. Silva, L. Almeida (Orgs.). *Actas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: I.E.P./U. Minho, 477-491.
- Pedras, M. 2002. *A Escrita Telemática Síncrona: características e implicações para o ensino-aprendizagem*. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade do Minho.
- Pons, C. 2002. Els xats:) La ludoteca de la llengua. *Interlingüística* **13 (III)**: 273-281. Disponível na Internet em: <http://personal.auna.com/claudiapons/els%20xats.pdf>, acessado em Julho de 2008.
- Pucciarielo, S. 2004. Internet muda linguagem do mundo real. *A tribuna Digital*. Disponível em: <http://www.tecnologia.unimonte.br/leitura.asp?tipo=&id=459>, acessado em Agosto de 2005.
- Reid, E. 1991. *Electropolis: Communication and Community On Internet Relay Chat*. Dissertação apresentada à Universidade de Melbourne. Disponível na Internet em: <http://www.irchelp.org/irchelp/misc/electropolis>, acessado em Agosto de 2005.
- Rúa, P. 2005. Shortening devices in text messaging: a multilingual approach. *Neuphilologische Mitteilungen*. **16**: 139-155.
- Sá, M.; Melo, S. 2004. *Intercompreensão em situação de chat romanófono: um módulo de formação*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Sáez, J. 2007. *El chat. La conversación tecnológica*. Madrid: Arco.
- Seara, I. 2007. Mekie? É de+ pa mim qd as xs tcl cm o ppl! Para o estudo das interações electrónicas síncronas: uma tensão entre omnipresença e abandono. *Actas do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 593-609.
- Smith, F. 1988. *Understanding Reading*. Mahwah NJ: Lawrence Erlbaum.
- Treiman, R. 1994. To What Extent Do Orthographic Units in Print Mirror Phonological Units in speech? *Journal of Psycholinguistic Research*. **23 (1)**: 91-110.
- Treiman, R.; Zukowski, A. 1996. Children’s Sensitivity to Syllables, Onsets, Rimes, and Phonemes. *Journal of Experimental Child Psychology*. **61**: 193-215.
- Veloso, J. 2003. *Da Influência do Conhecimento Ortográfico sobre o Conhecimento Fonológico. Estudo Longitudinal de um Grupo de Crianças Falantes Nativas do Português Europeu*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Vigário, M.; Falé, I. 1994. A Sílaba no Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do IX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL/Colibri, 465-478.